

Mesa Temática: Los cambios en la base de sustentación económica y la estructura social del territorio.

A CULTURA DO MILHO COMO AGENTE DINAMIZADOR DA SUB-REGIÃO GEOECONÔMICA 1C ¹

Meri Lourdes Bezzi

(Coordenadora, Prof^a. Dr^a. Depto. de Geociências-NERA/CCNE-Universidade Federal de Santa Maria/RS-Brasil/E-mail: meri@oslo.ccne.ufsm.br)

Helena Brum Netto

(Colaboradora, Mestranda em Geografia/UFSM – RS-Brasil/Bolsista CAPES. E-mail: southelen@bol.com.br)

Roberto Barboza Castanho

(Colaborador, Doutorando em Geografia/UFU – MG/Participante do NERA/UFSM-RS-Brasil/Bolsista CAPES/E-mail: robertocastanho1@hotmail.com)

Circe Inês Dietz

(Colaboradora, Mestranda em Geografia/UFRGS – RS-Brasil/Bolsista CAPES. E-mail: cidietz@uol.com.br)

Bruno Freitas da Silva

(Colaborador, Mestrando em Geografia/UFSM–RS-Brasil. E-mail: bsf@mail.ufsm.br)

INTRODUÇÃO

A região reflete as similaridades e, ao mesmo tempo, as diferenciações impostas ao espaço em virtude da relação que sociedade mantém com a natureza. Configuram-se, então, peculiaridades regionais que, muitas vezes, originam subdivisões internas em um espaço tido como homogêneo.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objeto de estudo a região geoeconômica 1 situada no centro-sul do Rio Grande do Sul e, particularmente, a sub-região geoeconômica 1C, procurando enfatizar as transformações ocorridas no seu espaço produtivo, as quais acarretaram sua individualização, mediante algumas características econômicas em relação ao processo produtivo regional.

Salienta-se que, a região geoeconômica 1 tem sua matriz produtiva tradicional alicerçada na pecuária bovina de corte e na orizicultura, porém, algumas porções de seu espaço apresentam novos atores econômicos que viabilizam uma nova dinâmica regional e, permitem subdivisões baseadas na inserção de outros produtos

¹ Este trabalho é parte integrante da pesquisa intitulada RIO GRANDE DO SUL: UMA PROPOSTA DE REGIONALIZAÇÃO, desenvolvida com recursos PROADE 2/FAPERGS no Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA) sediado no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria- NERA/GCC/CCNE/UFSM.

distintos da base tradicional. Desse modo, individualizou-se a sub-região 1C, onde o milho constitui-se no seu agente dinamizador e, responsável pela diversificação da produção agrícola.

O aumento da área plantada da cultura do milho tem sido uma constante no Estado gaúcho de modo geral, sendo que nesta sub-região tem experimentado uma significativa expansão destas lavouras, muitas vezes superando as lavouras de arroz em área plantada. Entretanto, em virtude do retorno financeiro, o milho não apresenta índices tão satisfatórios quanto os alcançados pelo arroz. Portanto, no que se refere a importância econômica o arroz ainda permanece como principal produto agrícola desta sub-região, embora tenha cedido vastas áreas para o plantio de milho.

Tal fato acarreta uma reorganização do espaço produtivo da sub-região 1C, com algumas alterações quanto à importância da matriz tradicional, que cede espaço para outros produtos e atividades econômicas distintas da sua base econômica tradicional. Desse modo, procurou-se analisar os aspectos físico-naturais e os aspectos socioeconômicos que, em conjunto, materializam a ação humana neste recorte espacial, a fim de entender como se organiza e se reorganiza mediante as imposições do capital e a inserção de novos atores econômicos, no caso, o milho, que visam dinamizar e proporcionar o desenvolvimento local/regional neste espaço tido até a atualidade como estagnado em virtude da herança pastoril.

METODOLOGIA

A operacionalização dos dados para a realização desta pesquisa esteve, em um primeiro momento, atrelada a um amplo levantamento bibliográfico, para estabelecer o referencial teórico, procurando aprofundar o marco teórico e metodológico da pesquisa, através de bibliografias específicas sobre a temática abordada. Neste sentido, utilizou-se de conceitos básicos como região e regionalização, desenvolvimento regional e organização do espaço. Além disso, resgatou-se questões relativas às bases físico-naturais do território gaúcho e ao processo de povoamento e ocupação do Rio Grande do Sul, o qual engloba a imigração e identidade cultural. E, procurando aprofundar a base teórica, procurou-se, em bibliografias específicas, informações a respeito dos municípios que compõem a sub-região 1C, bem como dados nas próprias unidades territoriais.

A regionalização do território gaúcho e, a conseqüente individualização da região geoeconômica 1, com suas sub-regiões, considerou a heterogeneidade espacial, ou seja, a presença desigual do capital no setor primário, o qual constitui a base da sua economia. O enfoque principal considerou fatores como a estrutura fundiária, áreas com potencial industrial representativo, áreas com disponibilidade e outras com falta de mão-de-obra, áreas com potencial turístico, áreas privilegiadas pela presença da malha viária, áreas com a presença

de novas cadeias produtivas como a fruticultura e o florestamento, que buscam dinamizar, justamente, a Metade Sul do Rio Grande do Sul, onde se localiza a região geoeconômica 1 e, suas sub-regiões.

O laboratório de estudo desta pesquisa constituiu-se nos 496 municípios que compõe o Rio Grande do Sul, sendo que a região geoeconômica 1 compõe-se de 110 municípios e, a sub-região 1C de 19 municípios.

Para cada unidade territorial foram coletadas informações referentes às variáveis que se faziam presentes na mesma, sendo este o critério determinante para subsidiar o agrupamento dos municípios e, a posterior formação da região geoeconômica. Salienta-se que na escolha das variáveis que caracterizam o município, o critério estabelecido foi o de maior área plantada, sendo este, portanto, o elemento que levou a individualizar o recorte espacial. Em algumas regiões geoeconômicas houve a presença significativa de alguns produtos, distintos da matriz tradicional, como no caso da sub-região 1C, a presença das lavouras de milho. Tal situação originou subdivisões nas regiões estabelecidas, marcadas pela coexistência da matriz tradicional com novos atores econômicos.

Como variáveis selecionou-se, para a agricultura a área plantada (ha), quantidade produzida (toneladas) e o rendimento médio (kg/ha). No que se refere à pecuária considerou-se o maior número de cabeças por municípios de bovinos, suínos e aves. Além disso, procurou-se demonstrar, em cada região geoeconômica, as áreas com maiores e menores rendimentos médios para cada produto dominante. Isto permitiu verificar que as unidades territoriais mais produtivas são aquelas que aliam as potencialidades físico-naturais ao investimento tecnológico.

Definidas as variáveis, delineou-se a parte prática da pesquisa. A investigação baseou-se em fontes primárias realizadas através do trabalho de campo (entrevistas) junto aos municípios, aferindo as variáveis referentes à temática em estudo. Paralelamente, utilizou-se de fontes secundárias através de dados estatísticos fornecidos pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o período de 2003/2004/2005, Secretaria de Planejamento dos Municípios, Secretaria de Agricultura dos Municípios, Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES), Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e demais órgãos estaduais e municipais.

A partir desses dados estruturou-se um banco de dados referente aos principais produtos primários que alicerçam a economia do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, da região geoeconômica 1. Ressalta-se que os dados coletados foram tabulados em planilhas previamente elaboradas no software Word, possibilitando posteriormente, sua inserção no software Arc View GIS 3.2a. Este possibilitou agregar os dados que foram à base para as etapas de análise, interpretação e espacialização dos mesmos.

Paralelamente, foram sendo gerados os recortes espaciais para a formação das regiões geoeconômicas gaúchas e, suas sub-regiões.

Considerando a regionalização proposta realizou-se a interpretação e análise das regiões geoeconômicas individualizadas. Cada região foi interpretada e analisada através de uma visão sistêmica, a qual procurou inter-relacionar os aspectos físico-naturais, socioeconômicos, políticos e culturais. Esta interação subsidiou a releitura do espaço gaúcho, demonstrando que a dinâmica territorial tem no capital seu principal agente econômico transformador.

RESULTADOS

A sub-região geoeconômica 1C é composta pelas unidades territoriais: Vale Verde, Taquari, General Câmara, Triunfo, Charqueadas, Arroio dos Ratos, Encruzilhada do Sul, Mariana Pimentel, Camaquã, Cristal, São Lourenço do Sul, Canguçu, Piratini, Cerrito, Morro Redondo, Pelotas, Arroio do Padre, Turuçu, Eldorado do Sul. (Figura 1).

A sub-região 1C caracteriza-se pelo predomínio da pecuária e dos cultivos de arroz e do milho. A pecuária extensiva se faz presente nesta sub-região desde os primórdios do processo de ocupação e povoamento do Rio Grande do Sul, quando este recorte espacial configurou-se como um pólo produtivo das charqueadas e, centralizador da economia e da sociedade gaúcha.

O município de Pelotas e suas imediações desenvolveram-se ao longo dos séculos baseados na atividade criatória, o que permitiu, até a decadência deste segmento produtivo em meados de 1920, um amplo

crescimento econômico, sendo considerado um importante foco central da sociedade gaúcha, no início do século XX.

No entanto, as crises enfrentadas pelo setor pecuarista acarretaram certa estagnação na sua produção, fazendo com que outras atividades econômicas surgissem em um mercado cada vez mais competitivo abandonado o passado charqueador, não mais significativo economicamente.

Embora as charqueadas não constituam mais a paisagem desta porção do espaço rio-grandense, a pecuária ainda se faz presente alimentando os frigoríficos em algumas unidades territoriais como um resquício da importância desta atividade para a sub-região 1C, destacando-se Canguçu (170.600 cabeças), Piratini (171.100 cabeças), São Lourenço do Sul (109.800 cabeças) e Pelotas (545.00 cabeças).

No que se refere aos municípios com menor rebanho bovino, destacam-se Arroio do Padre (4.700 cabeças), Turuçú (13.200 cabeças), Morro Redondo (13.800 cabeças) e Triunfo (31.600 cabeças). (IBGE, 2003).

A orizicultura desenvolveu-se nos municípios que compõe esta sub-região seguindo o padrão da matriz produtiva da região geoeconômica 1, associada à criação de gado, com base no arrendamento das terras para o plantio das lavouras de arroz, geralmente em grandes propriedades até então essencialmente pastoris.

Se comparado aos índices gerais de produtividade do arroz apresentados pelas outras sub-regiões, a sub-região 1C registra os menores índices, com uma produção média de arroz de aproximadamente 4.273 kg/ha. Os maiores rendimentos encontram-se nos municípios de Taquari, Charqueadas, Cerrito, Triunfo e Camaquã. (Figura 2).

Os menores rendimentos situam-se nos municípios de Encruzilhada do Sul (2.514 kg/ha), São Lourenço do Sul (3.663 kg/ha) e Piratini (4.407 kg/ha). (IBGE, 2003).

Dessa forma, percebe-se que a porção norte e leste da sub-região 1C, possuem as maiores produtividades relativas ao rebanho bovino. Tal fato é em parte justificado pela sua proximidade com o Rebordo e o Planalto da Bacia do Paraná na porção norte, e com o litoral, na porção leste, respectivamente, onde predominam solos mais férteis e abundância de recursos hídricos, além de investimentos em tecnologias que proporcionam retornos mais lucrativos. Já, na porção oeste, encontram-se as produtividades mais baixas, em decorrência da proximidade do Escudo cristalino sul-riograndense, o qual origina solos mais arenosos e pouco férteis, portanto, não muito apropriados para a atividade agrícola.

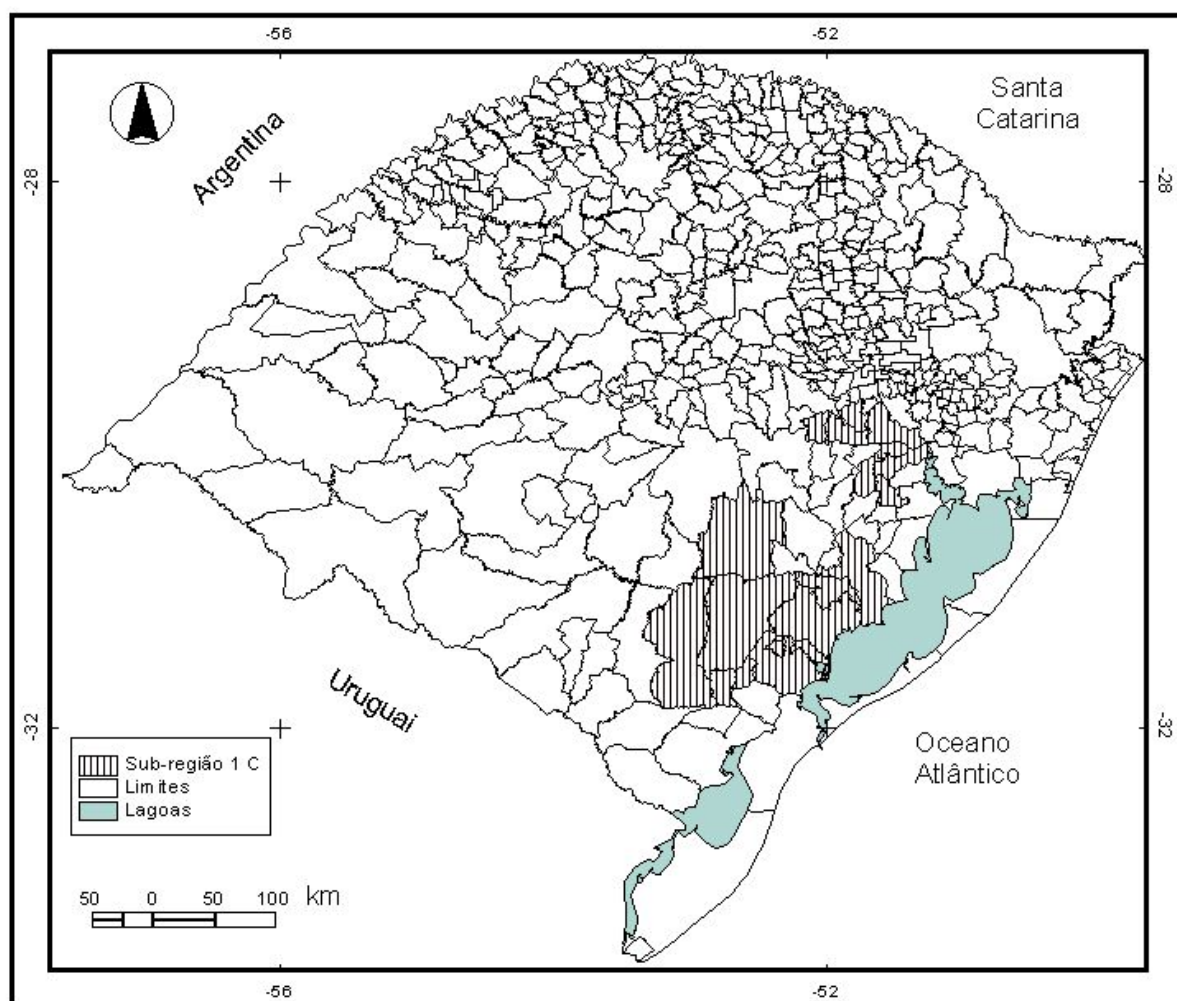


Figura 1: Sub-região Geoeconômica 1C - Pecuária, Arroz e Milho.

Fonte: Elaboração a partir do software ArcView 3.2a.

Org.: Equipe técnica – NERA/2005.

As unidades territoriais com as maiores áreas plantadas destinadas as lavouras de arroz nesta sub-região são Camaquã (28.788 ha), São Lourenço do Sul (9.250 ha), Pelotas (8.700 ha) e Triunfo (6.000 ha).

Entretanto, destaca-se que, em alguns municípios, o milho ultrapassa o arroz em área plantada, tornando-se um produto importante para as suas economias. (IBGE, 2003).

Salienta-se, no entanto, que o retorno financeiro obtido com o arroz supera o do milho, fazendo com que este produto configure-se nesta sub-região com o caráter de cultura complementar. A crescente produção de milho no Rio Grande do Sul e, especificamente, nesta sub-região é resultante do incentivo a

pesquisa de melhoramento genético desenvolvida pela EMBRAPA, na qual originam-se híbridos mais resistentes, fazendo

com que o milho apresente um aumento de produtividade. É importante destacar também que, o milho tem apresentado uma expansão de área e produtividade em todo o Estado.

Neste sentido, a sub-região 1C, tem um rendimento médio do milho de 2.363 kg/ha, destacando-se os municípios de Vale Verde (4.000 kg/ha), Taquari (3.780 kg/ha), Arroio do Padre (3.300 kg/ha) e Morro Redondo (3.000 kg/ha). E, os maiores índices quanto ao rendimento encontram-se em Mariana Pimentel (1.500 kg/ha), Pelotas (1.800 kg/ha) e Piratini (2.100 kg/ha). (IBGE, 2003). (Figura 2).

Ressalta-se também, que em alguns municípios se fazem presentes às culturas do fumo e da soja. O fumo é bastante significativo em área plantada, surgindo como uma alternativa rentável para o pequeno produtor rural. Sua presença nos municípios desta sub-região deve-se à proximidade com a região geoeconômica 2- fumo, individualizada pela cultura do fumo, localizada no extremo sul do RS, uma vez que a sub-região 1C a circunda.



Figura 2: Cultura do milho na Região Geoeconômica 1C.
Fonte: Schmitt, 2005.

Desse modo, o fumo se faz presente em Triunfo (6.000 ha plantados), Arroio do padre (5.500 ha plantados), São Lourenço do Sul (3.800 ha plantados), Cristal (2.500 ha plantados), Vale Verde (1.100 ha plantados), General Câmara (544 ha plantados) e Turuçu (320 ha plantados), sendo que as demais unidades territoriais desta sub-região não cultivam este produto. (IBGE, 2003).

A soja também apresenta significativa área plantada, constituindo-se como terceiro produto agrícola desta sub-região, com destaque para os municípios de Canguçu (9.000 ha), Piratini (8.000 ha), Camaquã (4.826 ha), São Lourenço do Sul (4.500 ha), Pelotas (4.000 ha), Cristal (3.800 ha), Encruzilhada do Sul (1.100 ha), Turuçu (1.000 ha), e Cerrito (600 ha). (IBGE, 2003). Os demais municípios que compõe esta região não têm suas lavouras destinadas ao plantio da soja.

Neste contexto, pode-se observar que o espaço produtivo da sub-região geoeconômica 1C está atrelado a matriz tradicional, via pecuária extensiva e orizicultura, bem como as lavouras de milho e de soja e, mais recentemente de fumo. Este recorte espacial tem experimentado, portanto, uma diversificação da produção nas últimas décadas, demonstrando sua flexibilidade para se adequar ao mercado e, ao mesmo tempo rompendo com as estruturas mais tradicionais em virtude da inserção do capital neste espaço regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sub-região 1C tem além da matriz produtiva tradicional (pecuária bovina e arroz) o milho como terceiro produto em importância para a sua economia. Destaca-se que, a pecuária bovina desenvolve-se desde os primórdios do processo de povoamento e ocupação do Rio Grande do Sul, quando o município de Pelotas constitui-se como um pólo charqueador e centralizador da economia gaúcha ao longo dos séculos até a decadência deste segmento produtivo.

Até a atualidade, a pecuária se faz presente com significativo rebanho bovino embora este setor tenha enfrentado certa estagnação na sua produção. Os municípios de Pelotas, Canguçu, Piratini e São Lourenço do Sul possuem os maiores rebanhos bovinos desta sub-região geoeconômica, fornecendo matéria-prima para os frigoríficos existentes nesta.

Além da pecuária, a orizicultura se expandiu pela sub-região 1C assim como pela região geoeconômica 1 de modo geral. Salienta-se que o arroz apresenta menores índices de produtividade se comparado a outras unidades territoriais da região 1, em virtude da proximidade do Escudo cristalino sul-rio-grandense, cujos solos são arenosos e pouco férteis.

No que se refere ao milho, esta cultura tem experimentado uma crescente expansão quanto a sua área plantada, principalmente, devido ao incentivo a pesquisa de melhoramento genético e, também, ao plantio de

milho. Sendo que tal situação ocorre em todo o Estado gaúcho, onde o milho tem significativa presença em área plantada, embora o retorno financeiro seja menor que o dos outros produtos que individualizaram as regiões geoeconômicas gaúchas.

Também se inserem neste recorte regional as culturas da soja e do fumo, com menores áreas plantadas destinadas as suas lavouras se comparadas ao cultivo do milho, mas que demonstram a diversificação que a produção econômica tem experimentado atualmente, estabelecendo uma estruturação produtiva distinta da base tradicional pecuária-arroz.

Ressalta-se que, a sub-região 1C não apresenta contigüidade espacial, materializando em duas porções do espaço rio-grandense, cuja lacuna é preenchida por municípios que compõe a região geoeconômica 2, onde o fumo e o milho constituem a matriz produtiva tradicional. Além disso, a porção norte da sub-região 1C limita-se com a região geoeconômica 3, onde o milho é o produto responsável pela sua individualização. Tal configuração espacial demonstra que no espaço não há cortes bruscos e, sim “áreas” de transição, onde os produtos coexistem e se influenciam mutuamente.

BIBLIOGRAFIA

BACELAR, T. **Dinâmica regional brasileira nos anos noventa: rumo à desintegração competitiva?** In: Redescobrimo o Brasil – 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 73 – 91.

BEZZI, M.L. **Região:** Uma (re)visão historiográfica – Da gênese aos novos paradigmas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências, Rio Claro, UNESP, 1996. 377p. (Tese de Doutorado), IGCE/UNESP.

_____. **Região:** Uma (re)visão historiográfica – Da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2004.

BRUM NETO, H. **O processo de ocupação étnico-cultural e sua influência na organização do espaço geográfico da Microrregião Geográfica de Restinga Seca-RS.** 91 f. Trabalho de Graduação (Geografia-Licenciatura) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

CORRÊA, R. L. **Região:** a tradição Geográfica. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995. 11p. (Inédito)

DUARTE, A. C. Regionalização: considerações metodológicas. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio claro, 10 (20): 5-32, 1980.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Notícias.** Disponível em: <<http://www.embrapa.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **25 anos de economia gaúcha**. Porto Alegre: FEE, v. 3, 1978.

FUNDAÇÃO DE AMPARO AOS MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL. **Municípios**. Disponível em: < <http://www.famurs.com.br/municipios>>. Acesso em: 02-20 out. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **idades @**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidades@>>. Acesso em: 02-20 out. 2005.

_____. **Geociências**. 1997. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/geociencias>>. Acesso em: 15 set. 2005.

MOURA, L. G. V.; MIGUEL, L. A; ALMEIDA, J. **A sustentabilidade na produção fumageira**: as contradições entre o econômico, o social e o ambiental. (artigo científico). Disponível em: < <http://www.Eco.unicamp.br/projetos/rurbanos/zipados/moura.pdf> >. Acesso em: 10 dez. 2003.

PAVIANI, A. Dinâmica regional e os desafios para a regionalização. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, 22 (43-44): 368-374, 1992.

Profruta/RS apresenta balanço positivo ao completar um ano. **A Platéia**, Santana do Livramento, 03 set. 2004. Disponível em: < <http://www.aplateia.com.br> >. Acesso em: 10 out. 2005.

RAMBO, S.J.P.B. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UNISINOS, 2000.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, A de L. **O processo de reorganização do espaço agrário no município de Rosário do Sul**. 2004. 61 f. Trabalho de Graduação (Geografia-Licenciatura)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p. (Geografia: Teoria e Realidade, Série "Linha de Frente")

SOUZA, M. A. de. "A explosão do território: falência da Região?" **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, 22 (43-44): 393-398, 1992.

VIEIRA, E. F. **Rio Grande do Sul**: Geografia Física e Vegetação. Porto Alegre: Sagra, 1984.

_____; RANGEL, S. S. **Geografia Econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sagra, 1993.

Fruticultura muda a paisagem da Metade Sul. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 out. 2004. Disponível em: <http://www.zerohora.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2005.